



MINISTÉRIO DE PREGAÇÃO - RCCBRASIL

CARTA AOS EFÉSIOS

PROPOSTA DE ESTUDO BÍBLICO PARA O ANO DE 2023



RCCBRASIL

Pe, Micael de Moraes, SJS



MINISTÉRIO DE PREGAÇÃO - RCCBRASIL

CARTA AOS EFÉSIOS

PROPOSTA DE ESTUDO BÍBLICO PARA O ANO DE 2023



RCCBRASIL

SUMÁRIO

1. AUTORIA E COMPOSIÇÃO	04
2. OS TEMAS DA CARTA AOS EFÉSIOS	04
3. ESTRUTURA DA CARTA AOS EFÉSIOS	05
1,1-2 - INTRODUÇÃO	05
1,3-3,21 - O MISTÉRIO DA SALVAÇÃO E DA IGREJA	05
4,1-6,20 - EXORTAÇÃO MORAL	18
6,21-24 - CONCLUSÃO	33



1. AUTORIA E COMPOSIÇÃO

A Carta aos Efésios é uma Epístola pretensamente escrita a partir do cativeiro e atribuída a Paulo, há autores que atribuem a Paulo por causa do início da carta, na qual se nomeia Paulo, e dirigida aos cristãos de Éfeso (apesar dessa expressão não estar em alguns manuscritos): “Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus, aos cristãos de Éfeso e aos que creem em Jesus Cristo” (Ef 1,1). Outros autores afirmam que deve ter sido escrita por um discípulo, por ter um estilo impessoal e uma estrutura homilética. Se atribuída a Paulo poderia ter sido escrita entre 60 e 63 na prisão em Roma, e não poderia ter sido escrita na região de Éfeso entre 80-90.

Éfeso era a capital da província da Ásia Menor ocidental. Desde 1000 a.C. os jônios ocuparam esse local. Éfeso era uma cidade rica e principal porto da Ásia. Paulo visitou pela primeira vez no final de 52, como narra o livro de Atos dos Apóstolos: “Chegaram a Éfeso, onde os deixou. Ele entrou na sinagoga e entretinha-se com os judeus. Pediram-lhe estes que ficasse com eles ali por mais tempo, mas ele não quis. Ao despedir-se, disse: ‘Voltarei a vós, se Deus quiser’. E partiu de Éfeso” (At 18,19-21). Éfeso também é nomeada quando São Paulo mandou os anciãos de Éfeso para se despedir deles (Cf. At 20,17-18). Não há indicações sobre os motivos que levaram a escrever essa carta, que muitas vezes é considerada mais uma homilia.

2. OS TEMAS DA CARTA AOS EFÉSIOS

A Igreja de Éfeso é um ambiente marcado por doutrinas judaico-gnósticas¹, doutrinas que querem afirmar a superioridade dos anjos sobre Cristo, torna-se então, necessário frisar a Igreja como instrumento da salvação de Deus na História.

A carta é eclesiológica, apresentando o Mistério de Cristo vinculado ao Mistério da Igreja. A reconciliação de judeus e gentios em Cristo. O tema principal é apresentar Cristo ressuscitado como único Senhor acima da Criação. Ele tem todas as coisas debaixo dos pés, inclusive os poderes cósmicos e os anjos, e acima de tudo como Cabeça da Igreja (Cf. Ef 1,22). A Igreja é apresentada como Corpo de Cristo, isto é, sua presença salvadora no mundo e por meio dela dá a conhecer a sua sabedoria (Cf. Ef 3,10). O Mistério de Deus é revelado em Cristo Jesus e continua a ser anunciado pela Igreja (Cf. Ef 1,9; 3,3-4; 3,9; 5,32; 6,19). Tomando por modelo o sacramento do matrimônio, a carta quer demonstrar o grande mistério da união entre Cristo e a Igreja (Cf. Ef 5,29; 5,32). Em Cristo acontece a unidade entre judeus e gentios (Cf. Ef 2,11; 3,1; 3,6; 3,8; 4,17). O cristão amadurece em comunidade, em Igreja, pela graça de Deus (Cf. Ef 2,8), as exortações morais são feitas para que essa graça produza frutos (4,1-6,20).

1 - Havia a corrente gnóstica que não aceitava que Deus se encarnasse, pois, a carne era vista como essencialmente má; a crença de que havia dois princípios divinos do bem e do mal e finalmente a via de acesso a Deus era o conhecimento (gnose).



3. ESTRUTURA DA CARTA AOS EFÉSIOS

A carta, introduzida por uma saudação de Paulo (Ef 1,1-2), em seguida, com um grande louvor, apresenta o Mistério de Cristo em relação à Igreja (Ef 1,3 - 3,21). O versículo 4,1 é passagem da parte teológica para a exortativa, aplicada na vida o Mistério de Cristo e da Igreja: “Exorto-vos, pois, – prisioneiro que sou pela causa do Senhor –, que leveis uma vida digna da vocação à qual fostes chamados”. Nessa parte, Paulo exorta os fiéis a viverem o Mistério de Cristo, manifestado na Igreja, em suas próprias vidas, especialmente em família (Ef 4,1 - 6,20). O encerramento se dá com uma saudação final (Ef 6,21-24).

1,1-2 - Introdução.

Como as tradicionais cartas do Oriente, inicia com a saudação composta pela determinação do remetente e dos destinatários da carta, acrescida dos bons desejos. Paulo é qualificado como “apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus”, semelhante a outras cartas (Cf. Cl 1,1; 2 Cor 1,1). A expressão aos cristãos “de Éfeso” não se encontra em alguns manuscritos, por isso, a Bíblia Ave Maria, Vulgata e Neo Vulgata o mencionam, enquanto a TEB e Bíblia de Jerusalém não. São saudados os destinatários em Cristo Jesus, como em outras cartas, santos (Cf. Rm 16,15; 1 Cor 14,33; 1 Cor 16,1; 2 Cor 1,1; 2 Cor 13,12) e fiéis (Cf. Cl 1,2; 1 Tm 3,11). Segue a saudação, a semelhança de Cl 1,2, deseja a graça e paz, o shalom, isto é, “tudo de bom”, da parte de Deus, o Pai, e do Senhor Jesus que é chamado Cristo, o Messias, o possuidor do Espírito.

1,3 - 3,21 - O Mistério da Salvação e da Igreja.

1,3-14 – O plano da salvação

O grande hino da Providência de Deus para a salvação é proposto em sete bênçãos em três seções: 1ª seção “Ele” (vv 3-6); 2ª seção “Nós” (vv 7-12) e 3ª seção “Vós” (vv 13-14). Este hino é como que um resumo dos assuntos que vão ser tratados em toda a carta.

1ª seção “Ele” (vv 3-6) – Três bênçãos.

Primeira bênção (v. 3) – A bênção recebida de Deus - No início do Hino há uma bênção, a exemplo do que acontece em 1 Pd 1,3: “Bendito seja Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Na sua grande misericórdia ele nos fez renascer pela Ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma viva esperança”. São Paulo bendiz a Deus, o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que derramou bênçãos sobre nós. Como Abraão seria um instrumento de bênção sobre o mundo (Cf. Gn 12,2), agora a plenitude de bênçãos nos vem por Cristo Jesus. Tais bênçãos são caracterizadas por serem do céu, que é uma referência constante na Carta (Cf. 1,20; 2,6; 3,10; 6,12) e espirituais, advindas do Espírito Santo, como será explicitado no v. 13.

Segunda bênção (v. 4) – A adoção filial – A bênção derramada sobre nós é o processo de salvação que iniciou antes da criação do mundo, quando Deus nos escolheu para sermos santos, isto é, participar de sua natureza divina (Cf. 2 Pd 1,4) e irrepreensíveis, sem defeitos, sem mácula



de pecado (Cf. Rm 12,1-2), no amor, que é a identidade do cristão e nos faz verdadeiramente discípulos de Jesus e filhos adotivos do Pai (Cf. Jo 13,35; Rm 8,15; Gl 4,6).

Terceira bênção (vv. 5-6) – Chamados à comunhão – A primeira palavra que nos chama a atenção é “predestinou”². A única predestinação que temos é sermos filhos adotivos através de Jesus Cristo. Sermos filhos no Filho Único do Pai (Cf. 1 Jo 3,1; Jo 1,12). Como também vai afirmar a Carta aos Romanos: “Os que ele distinguiu de antemão, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que este seja o primogênito entre uma multidão de irmãos” (Rm 8,29). Essa a vontade de Deus a nosso respeito. Fomos criados para participar de sua natureza divina como filhos adotivos em Cristo, o Filho Amado do Pai (Cf. Mt 3,17). A bênção termina com a expressão que concluirá cada uma das três seções, para o louvor de Deus, aqui louvor e glória da sua graça. Todo o processo salvífico glorifica a Deus e sua graça, esta que é derramada sobre o ser humano para que este possa ser santo como Deus é santo (Cf. Lv 20,7; 1 Pd 1,16). Somente o homem vivo, como diz Santo Irineu, ser humano participante da graça de Deus pode verdadeiramente glorificar o Senhor, não somente com palavras, mas com a própria vida.

2ª seção “Nós” (vv. 7-12) – Três bênçãos.

Quarta bênção (vv. 7-8) – A Redenção – O projeto salvífico de Deus, a sua predeterminação salvífica, tem seu cume na redenção pelo sangue de Cristo e na remissão dos pecados, novamente frisando, pela riqueza da graça derramada sobre o ser humano. Nesse caso, o hino diz “sobre nós”. Enquanto a primeira seção centra-se no “Ele”, que é Cristo, aqui no “nós”, isto é, os seres humanos redimidos e remidos. Como também traz a Carta aos Colossenses: “Ele nos arrancou do poder das trevas e nos introduziu no Reino de seu Filho muito amado, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados” (Cl 1,13-14). Graça que proporciona ao ser humano “sabedoria e prudência” que se manifestará na convivência comunitária.

Quinta bênção (vv. 9-10) – A Revelação do Mistério – O processo da Redenção é a manifestação do mistério da vontade salvífica de Deus em Cristo Jesus realizada no derramamento do sangue; e reunir toda a Criação sob Cristo como Cabeça da Igreja e como Cabeça do Universo (céus e terra), judeus e gentios unidos no Corpo de Cristo. Esta é a plenitude da Redenção. A mesma visão temos na Carta aos Gálatas: “Mas quando veio a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, que nasceu de uma mulher e nasceu submetido a uma Lei, a fim de remir os que estavam sob a Lei, para que recebêssemos a sua adoção” (Gl 4,4-5).

Sexta bênção (vv. 11-12) – Perspectiva de esperança – Como São Paulo vai desenvolver na Carta aos Romanos, que os gentios, como oliveira selvagem, foram enxertados na raiz, na oliveira escolhida e santa, que é o Povo de Israel (Cf. Rm 11,13-24); é o que o hino vai dizer que fomos feitos sua herança em Cristo Jesus, n’Ele gentios e judeus tornam-se um só povo. Assim, nós que esperamos em Cristo podemos servir para o louvor e glória de Deus.

2 - Predestinar: do grego “προορίζω”, “proorizo”, predeterminar, decidir de antemão, composto por “pro” antes e “horizo” definir, determinar.



3ª Seção “Vós” (vv. 13-14) – Uma bênção.

Sétima bênção (vv. 13-14) – O dom do Espírito Santo – O Espírito é o cumprimento da vontade salvífica de Deus. Ao acreditar no Evangelho da salvação, na Palavra da Verdade, somos selados pelo Espírito Santo, como penhor da herança, isto é, o céu. O Espírito Santo se torna a garantia da salvação que recebemos em Igreja e vislumbramos o futuro em Deus na Comunhão dos Santos. O hino finaliza que tudo isso é para o louvor e glória de Deus.

Desde a predestinação antes da Criação, a redenção em Cristo, a plenificação com o Espírito Santo, apontam para a comunhão com Deus na Igreja e na Comunhão dos Santos, para louvor e glória de Deus. Esse é o nosso destino, e é o que vai ser desenvolvido no restante da Carta aos Efésios.

1,15-19 – Súplica

Após o louvor inicial, no qual se louva a Deus pelo projeto de salvação, agora o Apóstolo se coloca a fazer uma súplica pela comunidade. A partir das virtudes teológicas vividas pela comunidade, a fé e a caridade, o Apóstolo dirige-se ao Pai da Glória, o Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo, para realizar três súplicas ou pedidos. A exemplo da Carta aos Colossenses: “Nas contínuas orações que por vós fazemos, damos graças a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, porque temos ouvido falar da vossa fé em Jesus Cristo e da vossa caridade com os irmãos. (...) Por isso, também nós, desde o dia em que o soubemos, não cessamos de orar por vós e pedir a Deus para que vos conceda pleno conhecimento de sua vontade, perfeita sabedoria e penetração espiritual” (Cl 1,3-4.9).

O primeiro pedido (v. 17) é que Deus derrame o dom de sabedoria e revelação sobre os efésios e para que eles tenham um conhecimento profundo de Deus.

O segundo pedido (v. 18) clama-se pela iluminação dos olhos dos corações (Cf. Mt 13,15; Jo 12,40; At 28,27; 1 Cor 2,9; 1 Jo 5,20) para receberem a segunda virtude teológica, a esperança, contida na vocação (Cf. Ef 4,1) que recebemos de Deus: o chamado à salvação. Essa esperança aponta para a riqueza da glória de Deus e a convivência com os santos, não somente os cristãos, mas também, conforme a linha da Carta, a convivência na herança dos santos na eternidade.

O terceiro pedido (v. 19), que os crentes compreendam o poder eficaz de Deus para com eles (Cf. 2 Cor 13,4; Fp 3,10; 1 Cor 6,14).

1,20-23 – Hino cristológico

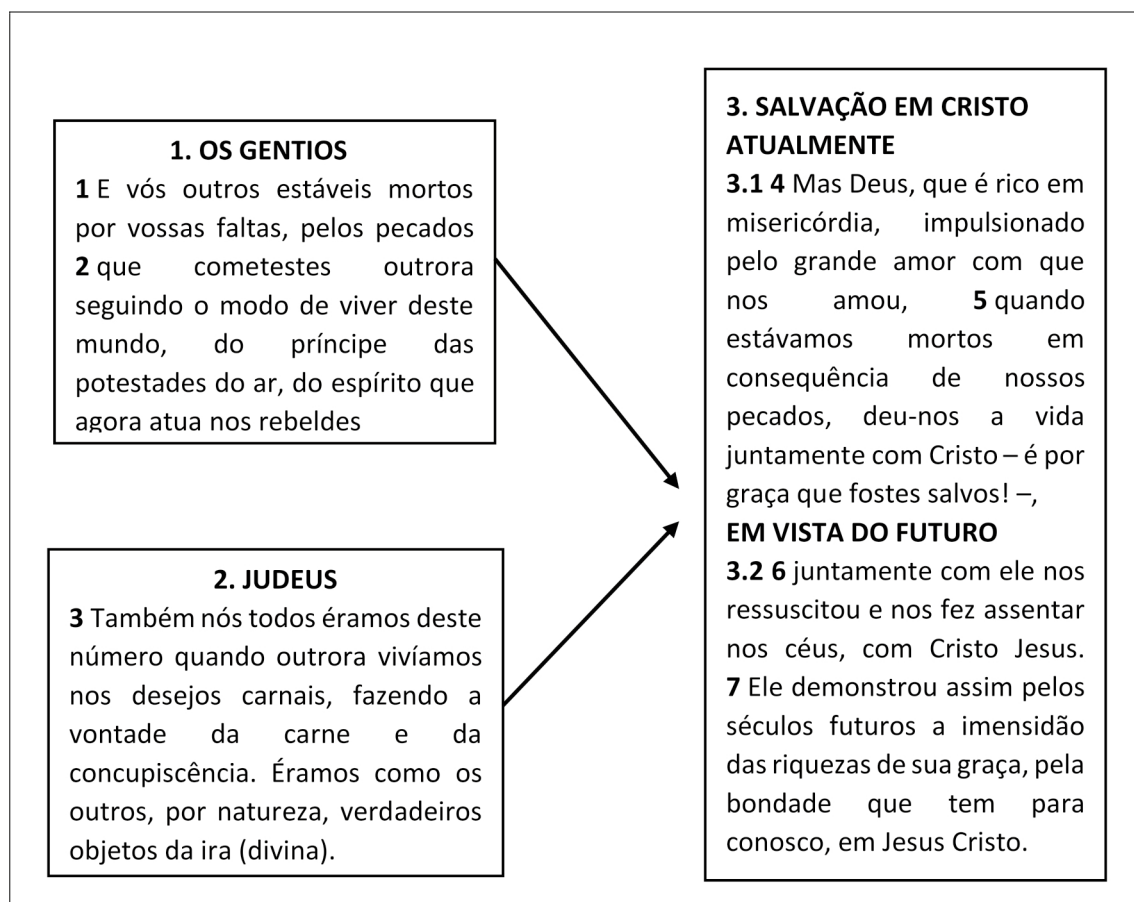
Os pedidos foram dirigidos ao Pai Glorioso. A ação do Pai se realiza pela mediação de Nosso Senhor Jesus Cristo. Para isso o Pai exerceu o poder ao ressuscitar o seu Filho, o Cristo, dentre os mortos e o fez sentar à sua direita nos céus. Conforme também traz a Carta aos Colossenses: “Sepultados com ele no batismo, com ele também ressuscitastes por vossa fé no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos” (Cl 2,12). Cristo foi colocado acima dos poderes cósmicos. Essa afirmação reflete uma preocupação do autor da Carta com relação às influências de crenças judaico-gnósti-



cas, que exaltavam os poderes cósmicos. Aqui se coloca que tudo está submetido a Cristo, sob seus pés (Cf. 1 Cor 15,24-28), cujo nome está acima de todos os nomes (Cf. Ef 1,21), como também traz a Carta aos Filipenses: “ Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (Fp 2,9-11). O louvor final é o cume deste hino cristológico. Cristo é a Cabeça da Igreja que é seu corpo. A Igreja é a continuação da presença salvadora de Jesus na Terra. A ligação da Igreja com Cristo é a mesma ligação do corpo com a cabeça. Como dissemos, o tema da Carta aos Efésios é Eclesiológico, e aqui é a primeira vez que a Igreja é nomeada. A Igreja possui a plenitude de Cristo para assim ser instrumento de salvação no meio da humanidade, mas por outro lado, está submetida a Cristo como o corpo à cabeça. Comparemos com a Carta aos Colossenses, que nos ajuda a entender melhor este hino cristológico: “Ele é a Cabeça do corpo, da Igreja. Ele é o Princípio, o primogênito dentre os mortos e por isso tem o primeiro lugar em todas as coisas. Porque aprovou a Deus fazer habitar nele toda a plenitude e por seu intermédio reconciliar consigo todas as criaturas, por intermédio daquele que, ao preço do próprio sangue na cruz, restabeleceu a paz a tudo quanto existe na terra e nos céus” (Cl 1,18-20).

2,1-10 – Por graças somos salvos

A exemplo da Carta aos Romanos (1 – 2), o autor continua a apresentar a obra de salvação em Cristo a partir da realidade do gentio e do judeu.





1. Os gentios estavam mortos no pecado estavam sob o jugo do príncipe das potestades, isto é, Satanás. Aqueles que vivem na rebeldia continuam a ser submissos ao mal. Como traz a Carta aos Colossenses: “Mortos pelos vossos pecados e pela incircuncisão da vossa carne, chamou-vos novamente à vida em companhia com ele. É ele que nos perdoou todos os pecados (...) Outrora também vós assim vivíeis, mergulhados como estáveis nesses vícios” (Cl 2,13; 3,7).

2. “A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça” (Rm 1,18). Os homens perdidos nos seus pecados atraem a Ira de Deus, os judeus, também quando pecam, atraem mesma Ira de Deus (Cf. Rm 2).

3.1 “Esta é a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo, para todos os fiéis pois não há distinção; com efeito, todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus” (Rm 3,22-23). O raciocínio é o mesmo da Carta aos Romanos (Rm 1 – 2), encerrados todos, judeus e gentios, nos próprios pecados e atraindo ambos a ira de Deus. Da mesma forma, se todos pecaram e estão privados da glória de Deus, todos também são beneficiados pela salvação em Cristo derramada pela riqueza da misericórdia de Deus, que nos amou mesmo quando pecadores (Cf. Rm 5,8).

3.2 Como é princípio da Carta aos Efésios, a salvação não é vista somente para o tempo presente, mas para o futuro escatológico. “Sepultados com ele no batismo, com ele também ressuscitastes por vossa fé no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos” (Cl 2,12). A Primeira Carta de João traz o mesmo raciocínio: “Caríssimos, desde agora somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. Sabemos que, quando isso se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como ele é” (1 Jo 3,2). Ser filho no Filho de Deus e salvo é pela graça de Deus derramada sobre cada um de nós (Cf. Rm 3,24; 4,16; 5,2; 5,18 etc.).

Ef 2,8-10 - Como o ser humano é salvo?

Em Ef 2,5 já se afirma que é por graça que somos salvos. Essa ideia é retomada em Ef 2,8. Através da fé nos abrimos à graça de Deus. Assim também traz a Carta aos Romanos: “Assim, digo eu, ele manifesta a sua justiça no tempo presente, exercendo a justiça e justificando aquele que tem fé em Jesus. Onde está, portanto, o motivo de se gloriar? Foi eliminado. Por qual Lei? Pela das obras? Não, mas pela Lei da fé” (Rm 3,26-27). O ser humano não consegue a salvação pelo orgulho da prática das obras a partir da própria carne. Mas pela fé, pela entrega a Deus, o ser humano se abre à graça e assim pode praticar obras da graça e não obras da carne (egoístas). E termina com a afirmação de uma verdadeira humildade, somos criaturas dependentes de Deus. Somos criados em Cristo: “Todo aquele que está em Cristo é uma nova criatura. Passou o que era velho; eis que tudo se fez novo!” (2 Cor 5,17). Criados para quê? Para as boas obras “que Deus já antes tinha preparado para que nelas andássemos” (Ef 2,10). Numa visão vocacional, Deus preparou de antemão boas obras para que praticássemos. Essa preparação de antemão na língua grega é uma palavra só: *proetoimazen*, etimologicamente, pro (antes) e *etoimazo* (preparado). Cada ser humano que



nasce, e em sua existência cristã, Deus preparou um itinerário de boas obras para que o cristão as pratique. Seria bom sempre aplicar isso às nossas vocações seja para o estado de vida, seja profissional ou ainda nas atuações eclesiais. Quando não vemos qual a vontade de Deus, devemos pedir para ficar claro o itinerário de boas obras que temos que praticar. Assim realizamos a vontade do Pai.

2,11-22 – Todos unidos em Cristo Jesus

Este trecho é o centro da Carta aos Efésios. Podemos dividir este texto em três partes:

- Os seres humanos divididos e longe de Cristo (vv. 11-12);
- A obra da união em Cristo Jesus (vv. 13-18);
- A Igreja (vv. 19-22).

1. Os seres humanos divididos e longe de Cristo (vv. 11-12).

Os gentios estavam numa condição de alijamento de Deus e eram chamados de incircuncisos pelos da circuncisão, isto é, os judeus. A circuncisão seria a marca da pertença ao povo de Deus pela descendência de Abraão. O símbolo da aliança entre Deus e seu povo: “E deu-lhe a aliança da circuncisão. Assim, Abraão teve um filho, Isaac, e, passados oito dias, o circuncidou; e Isaac, a Jacó; e Jacó, os doze patriarcas” (At 7,8).

Os gentios não tinham a esperança de um Messias (Cristo), estavam na idolatria, adorando deuses falsos e por fim não reconheciam o verdadeiro Deus. Não reconhecendo o verdadeiro Deus e não fazendo parte do Povo de Israel (Cf. Dt 32,21), estavam excluídos da Aliança e da relação com Deus. Tudo isso provoca uma verdadeira desesperança.

2. A obra da união em Cristo Jesus (vv. 13-18).

Se antes havia para os gentios uma condição de desesperança, agora a situação muda com a salvação dada por Cristo Jesus. O autor vai descrever essa salvação de forma concreta, respondendo à questão: Como os gentios podem participar da Aliança e da relação plena com o Deus verdadeiro?

O sangue de Cristo traz para perto aqueles que estavam longe, os gentios: “A estes quis Deus dar a conhecer a riqueza e glória deste mistério entre os gentios: Cristo em vós, esperança da glória!” (Cl 1,27). Algo interessante é a palavra “perto”. A linguagem que se seguirá é toda baseada no cultural. Em Levítico assim se dirá da oferta: “Fala – disse-lhe ele – aos israelitas. Dize-lhes: Quando um de vós fizer uma oferta ao Senhor, será dentre o gado maior ou menor que oferecereis” (Lv 1,2). Oferta em hebraico é *qorban* (Cf. Mc 7,11), que advém do verbo *qarab* que quer dizer aproximar-se, vir para perto. Agora os gentios podem se aproximar de Deus, não mais com uma oferta no Templo, mas com o sangue de Cristo.

“Cristo é a nossa paz” (Ef 1,14), cumprindo a profecia de Isaías, Jesus é o príncipe da Paz (Cf. Is 9,5). A saudação do Ressuscitado é a “a Paz esteja convosco” (Jo 20,19). O Shalom de Deus é derramado sobre o povo, uma paz que quebra barreiras e torna a humanidade um só povo. Jesus



a partir do judeu e do gentio faz um só povo: “Já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3,28). Na sua carne suprime a inimizade, isto é, no sacrifício da sua humanidade, no derramamento do sangue de Cristo na Cruz. No sacrifício da cruz, a Lei de Moisés que poderia criar um povo privilegiado, o povo judeu, e separava os gentios, agora foi levada à perfeição em Cristo, unificando todos os povos num só na salvação da cruz: “Cancelando o documento escrito contra nós, cujas prescrições nos condenavam. Aboliu-o definitivamente, ao encravá-lo na cruz” (Cl 2,14). E para tornar ainda mais plástica a visão, o autor diz foi derrubado o muro de separação, isto é, o muro que separava o pátio dos gentios do pátio dos judeus no Templo. Lembremos que uma das razões de uma das prisões de Paulo foi introduzir um gentio no Templo: “É que tinham visto Trófimo, de Éfeso, com ele na cidade, e pensavam que Paulo o tivesse introduzido no templo” (At 21,29). O Corpo de Jesus é o novo Templo (Cf. Jo 2,21; Hb 10,19-20). Jesus cria o “Homem Novo” (Ef 2,15), uma nova humanidade em sua carne. O verbo criar remete-nos à Adão, o ser humano, Jesus como o novo Adão, recria a humanidade (Cf. Rm 5,12-21). A conclusão de todas essas ideias seria que Jesus “reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade” (Ef 2,16). Mas traz a particularidade final. Além das palavras utilizadas no texto, agora traz que num só Corpo reconciliasse judeus e gentios. Esse Corpo, é o corpo individual de Cristo sacrificado na Cruz para salvação e reconciliação da humanidade entre si e com Deus. Também podemos entender como o Corpo “Místico” a Igreja, ideia que será desenvolvida na sequência. Citando Isaías (Is 57,19) diz que a paz é tanto para os de perto, bem como para os de longe, judeus e gentios reunidos, e termina num louvor Trinitário, de tal modo que essa união é feita por Cristo, num só Espírito para ter acesso ao Pai.

3. A Igreja (vv. 19-22).

A conclusão é que esse acesso não é teórico, abstrato, mas real, palpável, e se dá pelo Corpo Místico de Cristo: a Igreja.

Nesses poucos versículos se dá vários atributos da Igreja para uma boa eclesiologia:

- A Igreja é a cidade dos santos (Cf. Ef 2,19). Não há mais estrangeiros, como prescrevia a lei que para celebrar a Páscoa o estrangeiro deveria ser circuncidado (Cf. Ex 12,48). Agora todos são chamados à unidade desta cidade, somos concidadãos daqueles que se unem a Deus, os santos, os demais cristãos.

- A Igreja é a família de Deus (Cf. Ef 2,19) Não uma empresa ou um clube, não mais dentro ou fora, mas somos todos irmãos (Cf. Mt 23,8).

- A Igreja é a construção de Deus (Cf. Ef 2,20). Os cristãos unidos formam a construção do novo Templo: “Achegai-vos a ele, pedra viva que os homens rejeitaram, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus; e quais outras pedras vivas, vós também vos tornais os materiais deste edifício espiritual, um sacerdócio santo, para oferecer vítimas espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo” (1 Pd 2,4-5). Essa construção se ergue sobre os Apóstolos e Profetas (Cf. 1 Cor 12,28), esses se tornam sustentáculo para a Igreja, como Jesus disse a Pedro: “E eu te declaro: tu és Pedro,



e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16,18). E finalmente, o sustentáculo, o alicerce primeiro, é a Pedra Angular, Cristo, como testemunhou Pedro: “Esse Jesus, pedra que foi desprezada por vós, edificadores, tornou-se a pedra angular” (At 4,11).

- A Igreja é edifício bem articulado, santuário sagrado no Senhor (Cf. Ef 2,21). Como também traz em outra Carta: “Porque de Deus somos cooperadores; lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós” (1 Cor 3,9). Somos co-edificados, e chamados também à edificar a Igreja (Cf. Rm 15,20; Gl 2,18).

Tudo isso para sermos “uma habitação de Deus, no Espírito” (Ef 2,22). A Obra da Igreja não é uma obra humana, mas humano-divina, por isso é o Espírito Santo que faz o liame nessa construção de Deus. Cada um de nós se torna um Templo do Espírito Santo (Cf. 1 Cor 6,19), mas ninguém é salvo sozinho, somos membros uns dos outros (Cf. Rm 12,5), e juntos nos tornamos Igreja, Corpo e Esposa de Cristo, construção e lavoura de Deus, Templo Santo do Senhor, no Espírito para a Glória do Pai.

3,1-13 – Ministro do Mistério de Cristo

São Paulo se apresenta como o ministro do Mistério que foi revelado. Na revelação do Mistério em Cristo se vislumbra o projeto salvífico de Deus para com os seres humanos. Esse projeto vinha sendo revelado desde o passado, agora, pelo Espírito de Deus foi plenamente revelado em Jesus Cristo: os gentios são associados à mesma herança que os judeus através da escuta do evangelho em Jesus. São Paulo é servo e ministro desse evangelho, apesar das limitações da sua própria vida, sabe-se chamado a anunciar aos gentios a “insondável riqueza de Cristo” (Ef 3,8). Continua afirmando que o projeto salvífico de Deus agora se manifesta por meio da Igreja e até aos espíritos celestes, os quais ignoravam esse projeto de Deus em Jesus Cristo, por quem podemos, agora, nos aproximar do Pai. E São Paulo encerra essa passagem como começou, o ser prisioneiro em Cristo e o seu sofrimento se torna instrumento para os efésios encontrarem a salvação, por isso as tribulações de Paulo são para os efésios motivo de glória.

Poderíamos apenas comentar Ef 3,1-13, mas procuramos fazer uma exegese canônico-simbólica dessa passagem. Na tabela abaixo, de modo muito simples, tomaremos cada versículo e veremos dentro da Sagrada Escritura as referências em outras passagens da mesma Escritura para termos uma interpretação dentro da própria Bíblia. E também a interpretação de alguns símbolos, e o que eles significam e o que nos faz intuir, e assim nos ajude a entender a passagem.



Versículos	Exegese canônica	Exegese Simbólica
<p>1 Por essa causa é que eu, Paulo, prisioneiro de Jesus Cristo por amor de vós, gentios...</p>	<p>Relacionado com o v. 13, a prisão é vista como instrumento para as gentios conhecerem a Revelação de Deus. Assim, os sofrimentos de Paulo pelos Colossenses e pela Igreja, completando o que falta à Paixão de Cristo (Cf. Cl 1,24). Como também se proclama preso por Cristo em Fm 9; Fp 1,13 e em Cl 4,18 Paulo pede que se lembrem de suas cadeias.</p>	<p>Símbolos de prisão, de ser prisioneiro, e de retenção como cadeias e grilhões, do sofrer pela Palavra e o testemunho por Cristo (Cf. Dn 5,7; 5,16; 5,29; 1 Rs 7,17; Ez 7,23; At 23,29; 26,31; Fp 1.7,13-14,17; Cl 4,18; 2 Tim 2,9; Fm 10.13; Ef 6,20; 2 Tim 1,16. Podemos pensar também na Palavra de Deus que não está algemada (Cf. 2 Tm 2,9).</p>
<p>2 Vós deveis ter aprendido o modo como Deus me concedeu esta graça que me foi feita a vosso respeito.</p>	<p>Paulo sabe-se chamado por Deus com a graça do apostolado junto aos gentios, como aos Colossenses foi feito ministro constituído por Deus para anunciar a Palavra de Deus (Cf. Cl 1,25). Graça do apostolado juntos aos Romanos (Cf. Rm 1,5; 15,15s) e reconhecida por outros apóstolos (Cf. Gl 2,9).</p>	<p>O símbolo da graça, como o agraciamento de um Deus que nos ama, como nas palavras de Oséias: “Ouvi-me, ó casa de Jacó e todo o restante da casa de Israel; vós, a quem desde o nascimento carregue e levo nos braços desde o ventre materno” (Os 11,4). Ou o a exemplo do amor materno que Deus tem, mesmo que uma mulher se esqueça de seu filho, Deus não esqueceria (Cf. Is 49,14-15). Aqui Deus agracia Paulo a graça de levar o Evangelho aos gentios.</p>
<p>3 Foi por revelação que me foi manifestado o mistério que acabo de esboçar.</p>	<p>A revelação do Mistério de Deus na História: “Àquele que é poderoso para vos confirmar, segundo o meu Evangelho, na pregação de Jesus Cristo – conforme a revelação do mistério, guardado em segredo durante séculos” (Rm 16,25). Mistério revelado também aos cristãos: “mistério este que esteve escondido desde a origem às gerações (passadas), mas que agora foi manifestado aos seus santos” (Cl 1,26).</p>	<p>Revelação, em grego, <i>apokalipsis</i>, etimologicamente descobrir o que estava escondido. Deus se deixa mostrar, conhecer, se autocomunica em Cristo Jesus pela ação do Espírito. “Todas as coisas me foram dadas por meu Pai; ninguém conhece o Filho, senão o Pai, e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelá-lo” (Mt 11,27). Também Rm 1,29-20; 1 Cor 2,9-10; Gl 1,11-12; 2 Tm 3,16.</p>



<p>4 Lendo-me, podereis entender a compreensão que me foi concedida do mistério cristão,</p>	<p>Interessante que lendo Paulo, pode-se entender a Revelação do Mistério de Cristo que ele comunica.</p>	<p>Ler é um símbolo do assumir a Revelação pelo discípulo, desde a abertura do livro selado no livro do Apocalipse (Cf. Ap 5,1), ou o livro ou o rolo devorado, transformando o ser humano por dentro, e este assumindo a revelação de Deus (Ez 3,1; Ap 10,10). E a leitura pública da Sagrada Escritura (Ne 8).</p>
<p>5 que em outras gerações não foi manifestado aos homens da maneira como agora tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas.</p>	<p>São Paulo reconhece que foi o Espírito Santo que revelou plenamente a Palavra. São Paulo também recebeu essa Revelação do Espírito (Cf. 1 Cor 7,40), que agiu nele como uma força poderosa (Cf. Cl 1,29).</p>	<p>Dois eventos da Escritura que poderiam se ligar simbolicamente ao Espírito e sua relação com a Revelação é o Batismo de Jesus e a sua Transfiguração: a abertura do céu, descida em forma de pomba, presença de Moisés e Elias, luz etc. (Cf. Mt 3,13-17; Mc 1,9-11; Lc 3,21-22; Jo 1,32-34; Lc 9,28-36; Mt 17,1-8; Mc 9,2-8).</p>
<p>6 A saber: que os gentios são coerdeiros conosco (que somos judeus), são membros do mesmo corpo e participantes da promessa em Jesus Cristo pelo Evangelho.</p>	<p>Já vimos essa afirmação ao comentar Ef 2,12-19. Os gentios são coerdeiros com os judeus, membros do corpo que é a Igreja e participantes da promessa de salvação em Cristo que nos é revelada pelo Evangelho.</p>	<p>O símbolo do corpo não é muito difícil de se entender, principalmente pela explanação de Paulo, comparando a Igreja ao Corpo (Cf. 1 Cor 12,12-31): membros, ligações entre os membros, interdependência, união em corpo, ligação com a cabeça, membros que se preocupam com os outros etc.</p>
<p>7 Eu me tornei servo deste Evangelho em virtude da graça que me foi dada pela onipotente ação divina.</p>	<p>Paulo se apresenta como servo ou ministro da Nova Aliança (Cf. 2 Cor 3,6) e ministro do Evangelho (Cf. 1,23)</p>	<p>A palavra “servo” aqui na língua grega é diácono, que pode ser traduzida por servo ou ministro. O símbolo de ser ministro ou servo é muito ampla, mas tomar Jesus no lava-pés (Cf. Jo 13) torna essa compreensão muito clara, e assim relacionar com a passagem: Paulo é servo do Evangelho para levar os gentios a serem participantes da salvação trazida por Cristo.</p>



<p>8 A mim, o mais insignificante dentre todos os santos, coube-me a graça de anunciar entre os pagãos a inexplorável riqueza de Cristo,</p>	<p>São Paulo foi escolhido para tornar os gentios participantes da riqueza e glória do Mistério de Deus (Cf. Cl 1,27). São Paulo tinha consciência de sua menoridade (Cf. 1 Cor 15,8ss), mas sabe que é por graça que anuncia a riqueza de Cristo.</p>	<p>A palavra riqueza (grego <i>ploutos</i>) advém de estar cheio, pleno (<i>pleto</i>). Interessante analisar simbolicamente a riqueza de Cristo, isto é, São Paulo quer anunciar a plenitude da Palavra de Deus que se fez carne, e assim, tornar os gentios também ricos, plenos, de Cristo.</p>
<p>9 e a todos manifestar o desígnio salvador de Deus, mistério oculto desde a eternidade em Deus, que tudo criou.</p>	<p>São Paulo tinha a consciência de ser o apóstolo dos gentios (Cf. Gl 2,8). E seu apostolado é revelar o desígnio, ou projeto, salvador de Deus, que como mistério estava escondido desde a Criação e agora se manifesta em Cristo Jesus (Cf. Rm 16,25; Cl 1,26)</p>	<p>Mistério, advém de <i>muo</i>, o fechar a boca diante daquilo que nos maravilha e nos faz tremer. O Mistério simbolicamente nos remete à contemplação de Deus (Cf. Mc 4,11; Rm 11,25; Rm 16,25; 1 Cor 2,7; 1 Cor 11,51; Ap 1,20; Ap 10,7; Ap 17,5).</p>
<p>10 Assim, de ora em diante, as dominações e as potestades celestes podem conhecer, pela Igreja, a infinita diversidade da sabedoria divina,</p>	<p>A sabedoria divina é infinita em sua diversidade e foi confiada a Paulo para a ensiná-la aos gentios: “Pregamos a sabedoria de Deus, misteriosa e secreta, que Deus predeterminou antes de existir o tempo, para a nossa glória” (1 Cor 2,7) e como afirma também a Primeira Carta de Pedro, revelação que nem os anjos tinham pleno conhecimento, mas que desejam contemplar (Cf. 1 Pd 1,12).</p>	<p>Um símbolo interessante para se pensar e relacionar com esta passagem é o mundo angélico e sua relação com os seres humanos, principalmente em se tratando da Revelação Divina, da manifestação da sabedoria de Deus no mundo (Cf. Mt 1,20; Mt 28,5; Lc 1,11-19; Lc 1,26-38; Lc 2,9-13; Ap 1,1).</p>
<p>11 de acordo com o desígnio eterno que Deus realizou em Jesus Cristo, nosso Senhor.</p>	<p>O propósito, desígnio preestabelecido, determinação, como vimos em Ef 1,4-11, o desejo de Deus é a salvação do ser humano (Cf. 1 Tm 2,4) realizado em Cristo. Conforme também traz a Carta aos Romanos: “Aliás, sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são os eleitos, segundo os seus desígnios” (Rm 8,28).</p>	<p>Simbolicamente, sobre desígnio, poderíamos ver o qual a importância de uma decisão humana na própria vida do ser humano e como isso influencia os outros. Podemos tomar as decisões de personagens como Abraão, Moisés, Isaías, Jeremias, Maria, dentre outros, e imaginemos a importância da decisão salvífica de Deus para conosco!</p>



<p>12 Pela fé que nele depositamos, temos plena confiança de aproximar-nos junto de Deus.</p>	<p>O aproximar-se de Deus é uma das razões da Revelação de Deus, o que foi trabalhado nessa mesma carta, aqueles que estavam longe são trazidos para perto (Cf. Ef 2,11-22). Agora podemos nos aproximar do trono da graça (Cf. Hb 4,16).</p>	<p>Interessante trabalhar simbolicamente o que falamos sobre o aproximar (Cf. Ef 2,13-18). Simbolicamente nos aproximamos de quem amamos ou nos sentimos amados pela pessoa, seria bom trabalhar, o relacionamento de Jesus com as crianças (Cf. Mc 10,13), com a hemorroíssa (Cf. Mc 5,25-34), com Zaqueu (Cf. Lc 19,1-10) etc.</p>
<p>13 Por isso, vos rogo que não desfaleçais nas minhas tribulações que sofro por vós: elas são a vossa glória.</p>	<p>Os sofrimentos da prisão de Paulo, não deveriam deixar tristes os efésios, mas sim são para a glória deles, isto é, para a participar da glória de Deus pelo anúncio do Evangelho. Os sofrimentos de Paulo são frutuossos evangelicamente.</p>	<p>Como foi trabalhado em Ef 3,1, é bom aprofundar o símbolo das cadeias, o qual é muito plástico para evidenciar o sofrimento de Paulo para o anúncio do Evangelho.</p>

3,14-21 – Conhecer o amor de Cristo

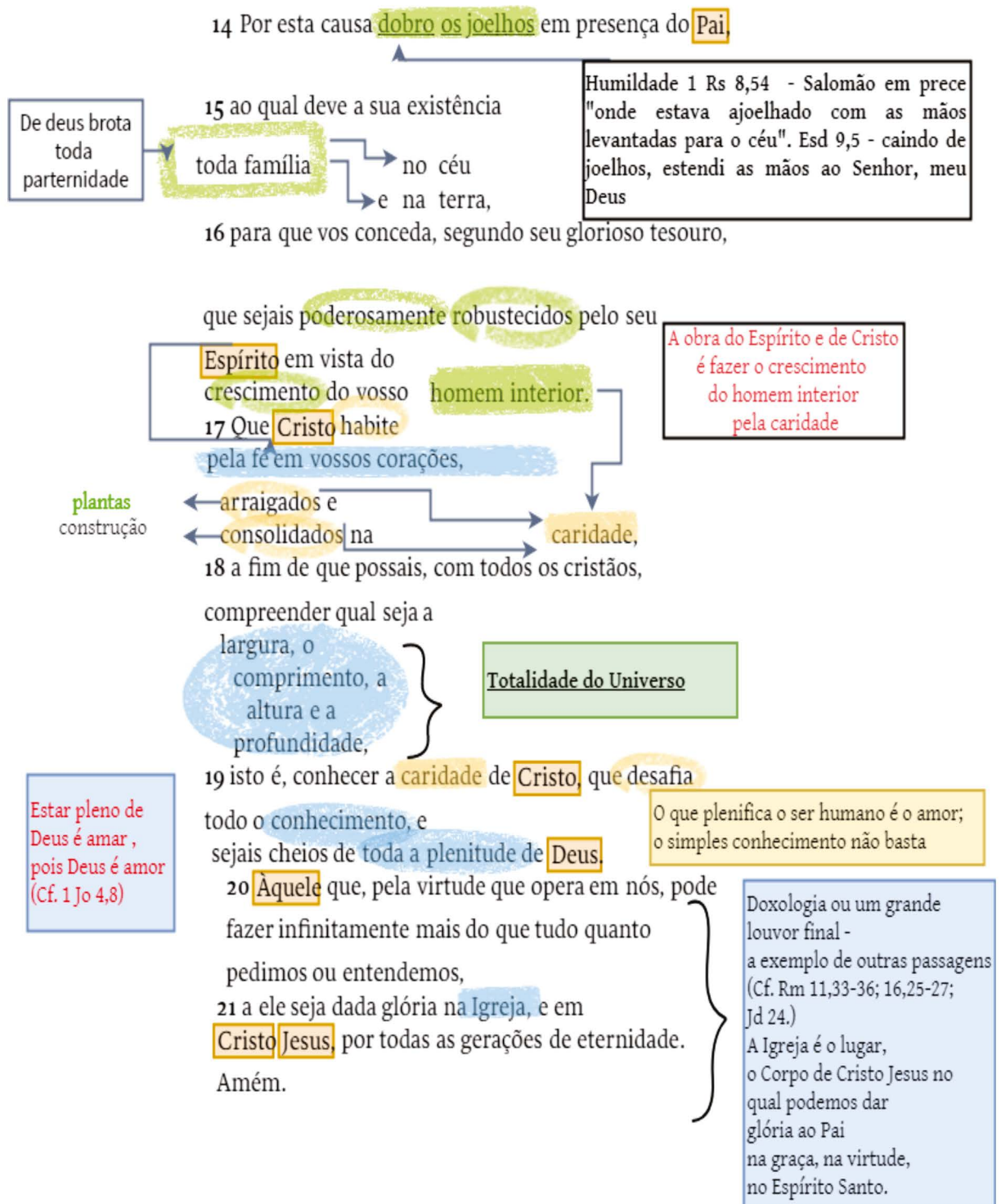
A primeira parte da Carta aos Efésios encerra-se com uma oração ou um louvor de São Paulo para que os efésios, pela graça do Espírito atinjam a maturidade em Cristo. O louvor dirige-se ao Pai, de joelhos, como sinal de humildade, nos sentimos pequenos diante da grandeza do amor de Deus (Cf. 1 Rs 8,54; Esd 9,5). É do Pai de quem brota toda a paternidade. Paternidade que se manifesta, seja na esfera celeste, os espíritos angélicos, seja na esfera terrestre, o ser humano e todo o Universo criado. Atingir a maturidade cristã é através do Espírito em Cristo Jesus. O homem interior, que sempre tem que crescer, é robustecido, fortificado no Espírito. Esse crescimento é por ação do Espírito, mas também em Cristo que habita em nosso coração pela fé, para transformar o modo como decidimos. E qual o sinal de que o nosso homem interior é transformado e que Cristo habita em nós? Na medida em que estamos arraigados, enraizados (símbolo da planta) ou consolidados, alicerçados (símbolo de construção) na caridade. A caridade é o fruto que demonstra que somos árvores boas em Deus. Dessa forma o cristão pode compreender perfeitamente o amor de Cristo. Para expressar essa compreensão, Paulo toma como exemplo, o modo de conhecer o Universo (largura, comprimento, altura e profundidade), isto é, totalmente, conhecer o amor em sua totalidade, como já foi dito, a riqueza de Cristo é insondável (Cf. Ef 3,8). Amar é estar pleno de Deus, não um conhecimento intelectual de Deus, mas aquele que verdadeiramente ama, que conhece, na visão hebraica, por experiência o amor de Cristo. Esse é o cristão que chegou à verdadeira maturidade de ser humano, quando vive plenamente o amor de Cristo. A passagem termina com uma doxologia, um louvor final, louva-se ao Pai pela graça derramada, pela sua força em nós, que vai além de todo entendimento. O amor derramado em nossos corações (Cf. Rm 5,5), preci-



sa ser vivido no Espírito e no Cristo. Mas para ser vivido precisa de um lugar concreto para o ser humano aprender a amar e viver esse amor: a Igreja. Nela, o nosso homem interior cresce, nela a graça age, e nela podemos chegar à comunhão perfeita com o Deus Uno e Trino.

Abaixo demonstramos por um esquema essa passagem bíblica, para exemplificar como preparar um esquema de pregação.

Ef 3,14-21 - Maturidade em Cristo: o amor





4,1 - 6,20 - Exortação Moral

4,1-16 – Unidade na diversidade

Na primeira parte da Carta, o autor delineou a sua teologia, explanando o Mistério de Cristo relacionado com o Mistério da Igreja. Fazer parte do Corpo de Cristo, a Igreja, tem por consequência uma vivência na fé para cada fiel. Por isso, São Paulo se apresenta como prisioneiro em Cristo (Cf. Ef 4,1), sofre pelo Corpo de Cristo que é a Igreja (Cf. Cl 1,24), e tem assim autoridade para exortar os efésios a andar de modo digno da vocação eclesial que cada um recebeu. Assim também exorta na Carta aos Colossenses: “para que vos comporteis de maneira digna do Senhor, procurando agradar-lhe em tudo, frutificando em toda boa obra e crescendo no conhecimento de Deus” (Cl 1,10).

Ninguém chama a si mesmo. Se somos chamados, foi por Deus que fomos chamados e o fomos em Igreja e para contribuir para a construção da Igreja.

O texto articula uma visão da Igreja que brota de Deus, como fonte de toda unidade e vive na diversidade. Há um só Senhor Jesus Cristo pelo qual nos veio a Salvação (Cf. Fp 2,11), há somente uma esperança e uma fé revelada e crida, uma verdade única, um único amém (2 Cor 1,20). Um só Espírito e Um só Deus e Pai, um Único Deus que “atua acima de todos, por todos e em todos” (Ef 4,6). Na Carta aos Coríntios é dito de outra forma: “Mas, para nós, há um só Deus, o Pai, do qual procedem todas as coisas e para o qual existimos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem todas as coisas existem e nós também” (1 Cor 8,6).

A esta unicidade divina o ser humano tem acesso pelos sacramentos, por isso um só Batismo e uma só Eucaristia que possibilita a unicidade da Igreja: “Uma vez que há um único pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos nós comungamos do mesmo pão” (1 Cor 10,17). E esta mesma unicidade divina, cuja graça da unidade é nos dada pelos Sacramentos, torna a Igreja um só Corpo. Portanto, a fonte da unidade da Igreja é o Deus Uno e Trino.

A partir do princípio da unidade da Igreja, como um só corpo, deve surgir no cristão, por vocação, o desejo de vivê-la, por isso, São Paulo exorta crescer em virtudes que promovam a Unidade na graça do Espírito: “com toda a humildade e amabilidade, com grandeza de alma, suportando-vos mutuamente com caridade” (Ef 4,2).

Sendo a Igreja um só Corpo deve ser uno, porém não é um só membro (Cf. 1 Cor 12,14). Um só corpo, mas com diversidade de membros: “Porque, como o corpo é um todo com muitos membros, e todos os membros do corpo, embora muitos, formam um só corpo, assim também é Cristo” (1 Cor 12,12). Dessa unidade brota a graça para cada um viver a própria vocação na diversidade: “Mas a cada um de nós foi dada a graça, segundo a medida do dom de Cristo” (Ef 4,7). Não há uniformidade no Corpo de Cristo, mas pluralidade, diversidade, de acordo com a medida do dom de Cristo. A vocação eclesial é vivida na especificidade do chamado que cada um recebeu em Igreja: “Há diversidade de dons, mas um só Espírito. Os ministérios são diversos, mas um só é o Senhor. Há também diversas operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos” (1 Cor 12,4-6). Esta diversidade não é somente dos membros com relação a Deus, mas também rege o relacionamento de um cristão com o outro: “assim nós, embora sejamos muitos, formamos um só



corpo em Cristo, e cada um de nós é membro um do outro” (Rm 12,5).

Como esta graça da unidade e da diversidade do Corpo de Cristo veio até nós?

Assim continua São Paulo: “Pelo que diz: *Quando subiu ao alto, levou muitos cativos, cumulou de dons os homens* (Sl 67,19). Ora, que quer dizer ele subiu, senão que antes havia descido a esta terra? Aquele que desceu é também o que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas” (Ef 4,8-10).

Contra o pensamento gnóstico que rejeitava a encarnação, São Paulo reafirma que a Igreja e os que estão na comunhão eclesial e recebem os respectivos ministérios de acordo com a própria vocação o vivem como Corpo de Cristo, como Igreja que foi trazida a este mundo pela encarnação do Verbo de Deus. Jesus com sua descida, encarnação e subida (Paixão, morte e Ressurreição): “Ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu, o Filho do Homem que está no céu” (Jo 13,3). Jesus eleva o ser humano à comunhão plena com a Trindade, para que cheguemos ao Homem perfeito, não somente cada um de nós, mas a Igreja chegue à plenitude de Cristo.

Como é vivida essa unidade e diversidade do Corpo de Cristo?

Assim São Paulo nos responde:

“A uns ele constituiu apóstolos; a outros, profetas; a outros, evangelistas, pastores, doutores, para o aperfeiçoamento dos cristãos, para o desempenho da tarefa que visa à construção do corpo de Cristo” (Ef 4,11-12).

Mas para chegar ao Homem Perfeito, à maturidade de Cristo, é preciso construir o corpo de Cristo, e assim somos associados à vários ministérios para levar os cristãos (os santos) ao aperfeiçoamento em Cristo.

Qual é o objetivo desse aperfeiçoamento?

O objetivo desse crescimento é chegar à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, atingir o homem feito na maturidade de Cristo. Esse conhecimento não é somente intelectual, mas experiencial. É unir-se a perfeitamente a Jesus Cristo para chegarmos a falar como São Paulo: “Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

Por que é necessário esse crescimento e aperfeiçoamento?

Assim responde São Paulo: “Para que não continuemos crianças ao sabor das ondas, agitados por qualquer sopro de doutrina, ao capricho da malignidade dos homens e de seus artifícios enganadores” (Ef 4,14). Criança aqui não é no sentido de Jesus no Evangelho, o qual afirma que devemos receber o Reino de Deus como criança (Cf. Mc 10,15). Mas no sentido que diz São Paulo: “Irmãos, não sejais crianças quanto ao modo de julgar: na malícia, sim, sede crianças; mas quanto ao julgamento, sede homens” (1 Cor 14,20). No julgar devemos ter a maturidade de Jesus. Essa palavra “julgar” na língua grega (*fresin*), é no sentido de ter uma compreensão plena, um sentir verdadeiro, que pende para a misericórdia. No mesmo sentido o autor da Carta aos Hebreus chamava a atenção de seus destinatários que precisavam de rudimentos da Palavra de Deus, como crianças que precisam beber leite e ainda não podem comer alimento sólido, não são adultos que já estão exercitados na distinção do bem e do mal (Cf. Hb 5,12-14). É essa maturidade na fé que o autor da Carta aos Efésios deseja que o cristão tenha. Com um conhecimento, na graça e na humanidade, na fé, o cristão não será enganado por ninguém, não se deixará levar por discursos sedutores ou por filosofias ou vãos sofismas (Cf. Cl 2,4.8).



Como acontecerá esse crescimento e aperfeiçoamento? (Cf. Ef 4,15-16).

É pela prática de uma caridade sincera, que vive a verdade, que faz o cristão chegar à maturidade de Cristo, a Cabeça do Corpo que é a Igreja. É Cristo que coordena e une as conexões e faz com que a Igreja, seu Corpo, seja edificado e construído na caridade. Como é trazido por Lucas em seu Evangelho sobre o menino Jesus que “crescia em estatura, em sabedoria e em graça, diante de Deus e diante dos homens” (Lc 2,52). A Igreja, o Corpo de Cristo, também tem que crescer e a medida desse crescimento é a caridade.

4,17-32; 5,1-21 – A prática cristã

A estrutura da presente passagem é simples, num primeiro momento São Paulo coloca o modo de vida dos gentios, ao qual o cristão nunca mais deveria voltar (Cf. Ef 4,17-19) e num segundo momento entrelaçando motivos teológicos e práticas cristãs elenca o modo de viver cristão, tendo por epígrafe a relação entre o homem velho e o Homem Novo (Cf. Ef 4,20-32; 5,1-21).

No primeiro momento (Cf. Ef 4,17-19), São Paulo evoca, em forma testemunhal a presença do Senhor e diz para os efésios não andarem como os gentios. O verbo andar é dito no sentido da prática da vida, o cristão deveria ter a Palavra a guiar os seus passos: “Vossa palavra é um facho que ilumina meus passos, uma luz em meu caminho” (Sl 118,105). Lembremos que o Cristianismo começou sendo chamado de Caminho (Cf. At 9,2). Em seguida descreve o modo de vida dos gentios que os cristãos não deveriam seguir: futilidade de pensamentos, entendimento em trevas alienados da vida em Deus, ignorância, dureza de coração, dissolução e prática de vários tipos de impureza (Cf. 4,17-19).

No segundo momento, São Paulo inicia com a separação entre o homem velho, representado pelo modo de vida dos gentios e o Homem Novo (Cf. Ef 4,20-24). É do homem Jesus, que morreu e ressuscitou, que se recebeu a Palavra da Verdade, a qual foi ouvida e acolhida, e assim pode-se renunciar o modo de vida anterior, dos gentios (Cf. Ef 4,20-21).

Homem velho (Cf. Ef 4,22)	Homem Novo (Cf. Ef 4,23-24)
Aquele que se corrompe ao sabor das concupiscências enganosas, dos desejos desregrados. Esse homem velho é aquele que pratica as obras da carne (Gl 5,19-21), que semeia na carne, na própria fragilidade e egoísmo para colher corrupção e morte (Cf. Gl 6,8). “Vós vos despistes do homem velho com os seus vícios” (Cl 3,9).	O cristão deve se revestir do Homem Novo e assim renovar-se pela transformação espiritual da mente, não se conformando com a mentalidade do mundo, mas transformando o modo de pensar para discernir a vontade de Deus (Cf. Rm 12,2). O Homem Novo é fruto da recriação de Deus pela graça (Cf. Jo 1,13.16-17) na justiça e santidade da verdade.

Para analisar o restante da passagem (Ef 4,25-32; 5,1-21) listaremos os motivos teológicos que dão base aos preceitos, divididos entre positivos e negativos. A Tradição judaica via a revelação de 613 mandamentos na Torah ou Pentateuco, sendo 248 mandamentos positivos (ossos do corpo) e 365 mandamentos negativos (os dias do ano), para toda matéria e tempo haveria mandamento, totalizando 613.



Motivos teológicos	Mandamentos positivos	Mandamentos negativos
<p>4,25c pois somos membros uns dos outros.</p> <p>4,30b Espírito Santo de Deus, com o qual estais selados para o dia da Redenção.</p> <p>5,1 Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos muito amados.</p> <p>5,2b segundo o exemplo de Cristo, que nos amou e por nós se entregou a Deus como oferenda e sacrifício de agradável odor.</p> <p>5,3b como convém a santos.</p> <p>5,5b no Reino de Cristo e de Deus.</p>	<p>4,25b Fale cada um a seu próximo a verdade,</p> <p>4,28b antes, trabalhe seriamente por realizar o bem com as suas próprias mãos, para ter com que socorrer os necessitados.</p> <p>4,29b (palavra) mas só a que for útil para a edificação, sempre que for possível, e benefazeja aos que ouvem.</p> <p>4,32 Antes, sede uns com os outros bondosos e compassivos. Perdoai-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou, em Cristo.</p> <p>5,1 Sede, pois, imitadores de Deus,</p> <p>5,2a Progredi na caridade</p> <p>5,4b em vez disso, ações de graças.</p>	<p>4,25a por isso, renunciad à mentira.</p> <p>4,26 Mesmo em cólera, não pequeis. Não se ponha o sol sobre o vosso ressentimento.</p> <p>4,27 Não deis lugar ao demônio.</p> <p>4,28a Quem era ladrão não torne a roubar,</p> <p>4,29a Nenhuma palavra má saia da vossa boca,</p> <p>4,30a Não contristeis o Espírito Santo de Deus</p> <p>4,31 Toda amargura, ira, indignação, gritaria e calúnia sejam desterradas do meio de vós, bem como toda malícia.</p> <p>5,3a Quanto à fornicação, à impureza, sob qualquer forma, ou à avareza, que disto nem se faça menção entre vós,</p> <p>5,4a Nada de obscenidades, de conversas tolas ou levianas, porque tais coisas não convêm;</p> <p>5,5a Porque sabeis-o bem: nenhum dissoluto, ou impuro, ou avarento –</p>



5,6b Estes são os pecados que atraem a ira de Deus sobre os rebeldes.

5,8 Outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor: comportai-vos como verdadeiras luzes.

5,9 Ora, o fruto da luz é bondade, justiça e verdade.

5,12 Porque as coisas que tais homens fazem ocultamente é vergonhoso até falar delas.

5,13 Mas tudo isto, ao ser reprovado, torna-se manifesto pela luz.

5,14 E tudo o que se manifesta deste modo torna-se luz.

Por isto (a Escritura) diz:
*Desperta, tu que dormes!
Levanta-te dentre os mortos
e Cristo te iluminará (Is 26,19;
60,1)!*

5,16b pois os dias são maus

5,17b a vontade de Deus.

5,18b mas enchei-vos do Espírito.

5,10 Procurai o que é agradável ao Senhor,

5,15a Vigiai, pois, com cuidado sobre a vossa conduta

5,16a que aproveitam ciosamente o tempo

5,17b mas procurai compreender qual seja a vontade de Deus.

5,19 Recitai entre vós salmos, hinos e cânticos espirituais. Cantai e celebrai de todo o coração os louvores do Senhor.

verdadeiros idólatras! – terá herança

5,6a E ninguém vos seduza com vãos discursos.

5,7 Não vos comprometais com eles.

5,11 e não tenhais cumplicidade nas obras infrutíferas das trevas; pelo contrário, condenai-as abertamente

5,15b que ela não seja conduta de insensatos, mas de sábios

5,17a Não sejais imprudentes,

5,18a Não vos embriagueis com vinho, que é uma fonte de devassidão,



5,20b a Deus Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo!
5,21b no temor de Cristo.

5,20a Rendei graças, sem cessar e por todas as coisas,
5,21a Sujeitai-vos uns aos outros

A partir desse último versículo se introduz o próximo tema que são as relações familiares a partir do matrimônio.

5,22-33 - O Matrimônio

Algumas observações:

- Comentamos a passagem acima e procuramos compreender com o seu entendimento;
- Nesse propósito, quisemos contribuir para com o leitor: analisar o processo da tradução do texto. Comparando as traduções e demonstrar a tradução no núcleo do texto (Ef. 5,25-27).
- Há um siglário no final do texto para ajudar o leitor.
- Lembremos que este trecho bíblico é uma das bases para a sacramentalidade do Matrimônio.

O texto de Ef 5,22-33, tem como finalidade extrair de Gênesis, do casal fundacional, Adão e Eva, o tipo que será cumprido no antítipo na relação Cristo e a Igreja, a relação do casal fundacional é a aplicada à relação entre Cristo e a Igreja e não o contrário. O Antigo Testamento pela imagem de YHWH como esposo e a comunidade de Israel ou Jerusalém, como Esposa, preparou essa imagem da relação entre Cristo e a Igreja (Cf. BP, p. 2812-13, nota). Tais como:

Os 2 – Os 2,4: “Processai a vossa mãe, processai. Porque ela não é a minha esposa, e eu não sou o seu esposo. Que ela afaste do seu rosto as suas prostituições e de entre os seios os seus adultérios”.

Is 1,21-25 – Is 1,21: “Como se transformou em uma prostituta, a cidade fiel? Sião, onde prevalecia o direito, onde habitava a justiça, mas agora, povoada de assassinos”.

Is 5,1-7 – Is 5,1: “Vou cantar ao meu amado o cântico do meu amigo para a sua vinha. O meu amado tinha uma vinha em uma encosta fértil”.

Is 62,5: “Como um jovem desposa uma virgem, assim te desposará o teu edificador. Como a alegria do noivo pela sua noiva, tal será a alegria que o teu Deus sentirá em ti”.

Jr 2,1ss – Jr 2,2: “Vai e grita nos ouvidos de Jerusalém: Assim disse lahweh: Eu me lembro, em teu favor, do amor de tua juventude, do carinho do teu tempo de noivado, quando me seguias pelo deserto, por uma terra não cultivada”.

Jr 3,1-5 – Jr 3,1: “Se um homem repudia a sua mulher, e ela se separa dele e se casa com um outro, terá ele, por acaso, direito de voltar a ela novamente? Porventura, não está totalmente profanada esta terra? E tu, que te prostituíste com inúmeros amantes, queres voltar a mim! Oráculo de lahweh”.

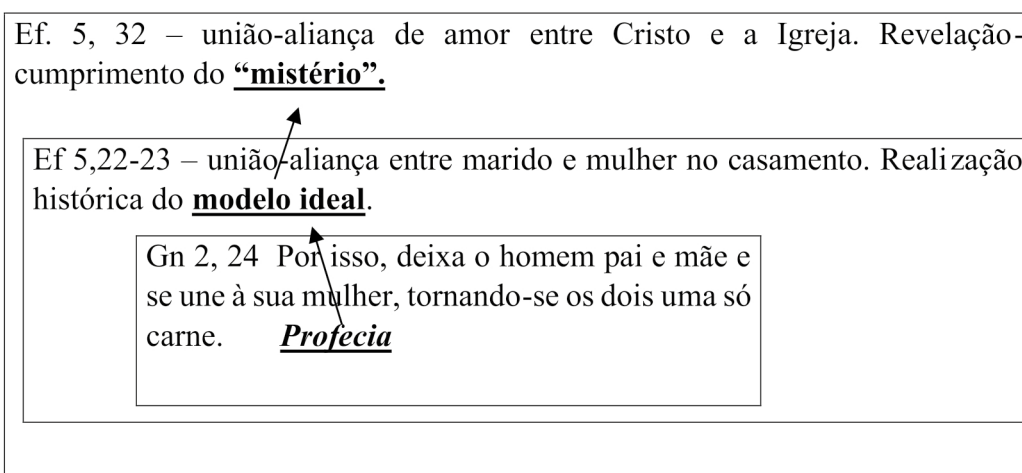
Jr 31,21-22: “Levanta marcos para ti, coloca indicadores de caminho, presta atenção ao percurso, no caminho por onde caminhaste. Volta, Virgem de Israel! Volta para estas tuas cidades! Até quando irás de cá para lá, filha rebelde? Porque lahweh cria algo de novo sobre a terra: A Mu-



Iher rodeia seu Marido”.

Ez 16 – Ez 16,8: “Passei junto de ti e te vi. Era o teu tempo, tempo de amores, e estendi a aba da minha capa sobre ti e ocultei a tua nudez; comprometi-me contigo por juramento e fiz aliança contigo — oráculo do Senhor Iahweh — e tu te tornaste minha”.

O Livro do Apocalipse utilizará desses símbolos para concluir a Bíblia, da mesma forma que foi por um casal que começou a Bíblia, também é um casamento que a encerrará. Também como Deus, como ninfagogo apresenta Eva a Adão, também é o Espírito que apresenta a Igreja a Jesus. “O Espírito e a Esposa" dizem: "Vem!" Que aquele que ouve diga também: "Vem!" Que *o sedento venha*, e quem o deseja *receba gratuitamente água da vida*” (Ap 22,17). Deus se torna ao mesmo tempo o Esposo e o amigo do Esposo (Cf. Jo 3,29), que prepara a Esposa para o encontro com o Esposo (Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=Q3o17ggs8k4&list=PLVRuDjwVc6M1uymIM9IJI-dPTst5oCtQsH&index=8>, acesso em 29.01.2021). Como em Ex 21,10: “Se tomar para si uma outra mulher, não diminuirá o alimento, nem a vestimenta, nem os direitos conjugais da primeira”. Deus cuida e alimenta a sua esposa. Portanto, a equação: cabeça-corpo = marido-mulher = Cristo-Igreja. Sem ter uma proporção idêntica (Cf. BP p. 2813, nota).



Ef. 5, 25-27

Homens: NA, V, NV	vossas: acomodação não presente NA
^{25a} Maridos, amai vossas mulheres, assim como também Cristo amou a Igreja	
ἀγαπᾶτε imperativo aoristo, ativo aoristo	καθὼς ἠγάπησεν indicativo,

^{25b} e a si mesmo se entregou por ela.	
Παρέδωκεν Aoristo Ativo	ὑπὲρ sobre



		Com a Palavra – AM, BP Pela Palavra – BP, ARA, ARC, TEB, CNBB, P.	
²⁶ a fim de santificá-la e purificá-la pelo banho da água na Palavra			
ἀγίαση aoristo ativo subjuntivo	καθαρίσας aoristo ativo particípio	τῷ λουτρῷ dativo	ἐν ῥήματι V, NV, FL
Para – FL, BP, AM, P, ARC, ARA		mácula – ARA, ARC, V, NV, FL	
^{27a} a fim de que apresentasse a si a Igreja gloriosa, sem ter			
παραστήση aoristo, ativo, subjuntivo.		mancha, nem ruga, ἔχουσιν Presente, ativo	
		Imaculada – P. Irrepreensível – AM, TEB, BP, FL, BJ. Sem defeito – ARA, ARC, CNBB.	
^{27b} e nem outras coisas, a fim de que seja santa e sem mancha.			
		ἢ presente, ativo, subjuntivo	

Observações exegéticas

Maridos - **ανερ / aner** – a tradução mais apropriada aqui é marido, também utilizada homens (p.ex. Vulgata).

Amou - **αγαπαω / agapao** – amar – no NT amor cristão, nunca entre os sexos, mas de Deus pelo ser humano ou do ser humano por Deus.

Entregou – **παραδιδωμι / paradidomi** – de **παρα / para** de, em, por, ao lado de, perto - **διδωμι / didomi** – dar – a entrega caracteriza em sua etimologia uma doação para alguém, sublinha a doação como estabelecer relacionamento. Rm 8,32; Gl 2,20; Ef 5,2 etc.

Banho - **λουτρον / loutron** – Evocação do Batismo. Tt 3,5 – “não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo...”

pelo banho da água na Palavra - **εν / em** – em, com, por. Alguns traduzem “pela Palavra”.

Comentário

A estrutura desse trecho é: “o relacionamento com a Igreja que nasce (cf.25) do amor e sacrifício de Cristo. Ele usa a figura do preparo da noiva no v. 26 e sua apresentação no v. 27” (NVI, p. 1997).

A Igreja está submetida a Cristo e este em seu amor conjugal, o leva a um sacrifício de si mesmo (Cf. BP, p. 2813). Esta relação conjugal entre Cristo e a Igreja é iluminada pela relação con-



jugal, e vice-versa. Conforme 2 Cor 11,2: “2Experimento por vós um zelo semelhante ao de Deus. Desposei-vos a um esposo único, a Cristo, a quem devo apresentar-vos como virgem pura”. Reproduz, conforme citado acima, a aliança entre Deus e seu povo sob o prisma da relação conjugal. Assim, entendemos também a autoridade de Cristo sobre a Igreja, e a submissão dela a Ele, essa autoridade está baseada no sacrifício de Cristo pela Igreja, e ao mesmo tempo, que demonstra a intimidade entre Cristo e a Igreja, mas é uma intimidade sem confusão, nem separação (Cf. TEB, p. 2274, b). A relação esponsal entre Cristo e a Igreja torna-se uma parábola ou símbolo ou protótipo para o matrimônio cristão. O amor de Cristo, sua entrega, seu sacrifício, está na origem do processo salvífico, e é esse processo salvífico que torna a Igreja sua esposa, imaculada e santa (Cf. RF, p. 196). Esse amor se manifesta e se realiza em sua autodoação por ela. Como expresso em:

Gl 2,20: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim”.

Ef 5,2: “...e andai em amor, assim como Cristo também nos amou e se entregou por nós a Deus, como oferta e sacrifício de odor suave”.

Gl 1,3-5: “3. Graça e paz a vós da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo, 4. que se entregou a si mesmo pelos nossos pecados a fim de nos livrar do presente mundo mau, segundo a vontade do nosso Deus e Pai, 5. a quem a glória pelos séculos dos séculos! Amém”.

Tt 2,13-14: “13. aguardando a nossa bendita esperança, a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador, Cristo Jesus, 14. o qual se entregou a si mesmo por nós, para *remir-nos de toda iniquidade, e para purificar um povo que lhe pertence*, zeloso no bom procedimento.

Cristo e sua Igreja são um, como o marido e a esposa formam uma só carne (Cf. Gn 2,24), da mesma forma nos unimos com o Senhor na e através da Igreja, cf. 1 Cor 6,15-17: “16. Não sabeis que aquele que se une a uma prostituta constitui com ela um só corpo? Pois está dito: *Serão dois em uma só carne*. 17. Ao contrário, aquele que se une ao Senhor, constitui com ele um só espírito”.

“A referência ao duplo papel de Cristo (cabeça e salvador) se, de um lado, radicaliza a motivação cristã da relação marido-mulher, por outro delimita seu conteúdo e sua modalidade. O marido é “cabeça” da mulher só e precisamente na forma em que Cristo é cabeça e salvador da igreja. O marido não é o “Cristo”, e nem a mulher é a “Igreja”. Quem fizesse essa sobreposição simplista, estranha ao texto bíblico, tornaria banal e falsa a relação entre os esposos. Cada um está ligado ao Cristo, e dele deriva a motivação para se viver a relação de casal de modo próprio e pessoal” (RF, p. 195).

O que se deduz da relação entre Cristo e a Igreja, é que a atitude do marido para com a esposa não deve ser de domínio, que advém como consequência do pecado, de acordo com Gn 3, 16: “À mulher ele disse: “Multiplicarei as dores de tuas gravidezes, na dor darás à luz filhos. Teu desejo te impelirá ao teu marido e ele te dominará.” **Dominar:** מַשַׁל *mashal* 1) governar, ter domínio, reinar; na tradução da Septuaginta, **kurieuo** 1) ser senhor de, governar, ter domínio sobre 2) de coisas e forças 2a) exercer influência sobre, ter poder sobre. Verbo advindo de **κυριος** *kurios*. Expressão reservada na Sagrada Escritura para Deus, portanto, na interpretação da Septuaginta, o



marido agiria como deus, a idolatria entraria na relação conjugal como consequência do pecado.

O objetivo desse sacrifício é a santificação da Igreja através do banho, que evoca a ideia do Batismo, na Palavra. “Segundo os costumes do antigo Oriente, a noiva era banhada e enfeitada, depois os ‘filhos das bodas’ (= os amigos do noivo) iam apresentá-la ao noivo. No caso místico da igreja, foi Cristo que lavou sua noiva de toda mancha pelo banho do batismo para apresentá-la a si mesmo” (Cf. BJ, p. 2046, nota b). São Paulo também se porta como um “amigo do noivo” em 2 Cor 11,2, cf. acima. Esta purificação pela palavra aparece também no Evangelho de João: “Vós já estais puros, por causa da palavra que vos fiz ouvir” (Jo 15,3). Bem como, o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo (Cf. Tt 3,5b). A palavra pode se referir ou à confissão da fé ou mais provavelmente à fórmula batismal: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...” (Mt 28,19). Como depois vai afirmar Santo Agostinho: “Unindo-se a palavra ao elemento, daí nasce o Sacramento” (Santo Agostinho. Tratado sobre João 80,3).

Por fim, no v. 27, o amor sacrificial de Cristo e a Palavra unida ao banho, faz com que a noiva seja apresentada sem mancha de pecado e santa, isto é, totalmente unida a Cristo. A apresentação da noiva segue a linha de São Paulo, em 2 Cor 11,2, em apresentar a comunidade como virgem pura a Cristo. Também podemos lembrar do Livro do Apocalipse, a visão da Igreja como Jerusalém celeste gloriosa e preparada como uma esposa para o seu marido: “Vi também descer do céu, de junto de Deus, a Cidade santa, uma Jerusalém nova, pronta como uma esposa que se enfeitou para seu marido” (Ap 21,2).

Podemos visualizar o texto de Ef 5,25-27 no seguinte esquema:



Tradução:

“²⁵Maridos, amai vossas mulheres, assim como também Cristo amou a Igreja e a si mesmo se entregou por ela, ²⁶a fim de santificá-la e purificá-la pelo banho da água na Palavra. ²⁷A fim de que apresentasse a si a igreja gloriosa, sem ter mancha, nem ruga, e nem outras coisas, mas para que seja santa e sem mancha”.

Siglário

AM – Bíblia Ave-Maria.

ARA – Bíblia Almeida, Revista e Atualizada.

ARC – Bíblia Almeida, Revista e Corrigida.

BP – Bíblia do Peregrino.

BJ – Bíblia de Jerusalém.

CNBB – Bíblia, Tradução CNBB.

FL – Tradução do grego por Frederico Lourenço.

NV – Tradução latina Neo Vulgata.

NVI – Comentário Bíblico NVI.



NA – Texto grego Nestle-Aland

P – Bíblia Pastoral.

RF – Rinaldo Fabris. As Cartas de Paulo. Coleção Bíblica Loyola.

TEB – Tradução Ecumênica da Bíblia.

V – Vulgata.

6,1-9 – Filhos, pais, senhores e escravos (comparar com Cl 3,20-4,1)

A partir do amor matrimonial, que é o paradigma de todos os amores, o autor reflete sobre a relação entre pais e filhos, senhores e escravos. Começa pelos filhos, evocando Dt 5,6, o mandamento de honrar pai e mãe, mandamento que tem promessa de vida longa. Essa obediência é qualificada como justa. Pais aqui, advém do grego *goneusin*, isto é, aqueles que geram, portanto podemos ler como pai e mãe. Em Ef 6,4, diz que os pais não devem exasperar seus filhos. Aqui, pais advém do grego *pateres*, que seria mais apropriado ler os genitores masculinos, porém, pode-se ler também pais e mães. Exasperar, advém do grego *pororgizo*, que pode ser traduzido por incitar à ira, provocar, exasperar, zangar. Os pais não deveriam estar do lado de seus filhos e pela provocação fazer nascer a ira neles. O escravo fazia parte da família estendida e dentro da perspectiva da época, São Paulo quer trazer a graça de Cristo nesse relacionamento, como é o exemplo da Carta a Filêmon. Os escravos são exortados a obedecer aos senhores segundo a carne, diferenciando-os do Senhor Deus. Porém, essa obediência deveria ser feita com sinceridade, com tremor e temor, como servos de Cristo em primeiro lugar, fazendo dessa obediência um cumprimento da vontade de Deus. Por outro lado, os senhores deveriam exercer a sua autoridade excluindo ameaças e tendo consciência de que toda ordem dada ao escravo tem por referência o Senhor Deus, que é o Senhor de todos, pois não há em Deus acepção de pessoas, em Deus não há diferença entre o senhor e o escravo (Cf. Gl 3,28).

6,10-20 – Armadura do cristão.

Exemplo de exercício de interpretação bíblica.

1. Situar o texto dentro da Sagrada Escritura. No nosso caso, dentro de uma carta atribuída a São Paulo, encerrando a exortação moral da Carta, antes da saudação final.

2. Ver passagens paralelas. Como é o gênero carta, podemos vislumbrar ideias presentes em outras passagens que certamente inspiraram o texto, como Is 59,17, Sb 5,17-23 e dentro das epístolas paulinas 1 Ts 5,8.

3. Qual a estrutura básica do texto? O texto é a finalização de uma grande exortação. Após discorrer sobre a moral, principalmente familiar, encerra-se com uma visão espiritual sobre essa realidade. A vida do cristão é uma luta, por isso o texto divide-se na disposição em Deus (Ef



6,10), a descrição da luta (Ef 6,11-13), os instrumentos do cristão nessa luta (Ef 6,14-17) e finaliza com a perseverança na oração (Ef 6,18-20).

4. Sujeito e ação. Quais os verbos mais importantes? O fortalecer e a força (Cf. Ef 6,10), marcam a tônica dos verbos que se seguirão, a preparação para a batalha, demonstra como um soldado vai tomando cada utensílio e peça para a batalha e vai se equipando: tomar (Cf. Ef 6,13.17), cingir e vestir (Cf. Ef 6,14), calçar (Cf. Ef 6,15), abraçar, no sentido de tomar e levantar (Cf. Ef 6,16). Também verbos de batalha como fortalecer (Cf. Ef 6,10), permanecer firme (Cf. Ef 6,11.14), na luta contra o mal, sabendo que este lança dardos que devem ser apagados (Cf. Ef 6,16). Mas o revestimento e ação externa tem que ter base no interior através do ato de orar (Cf. Ef 6,18) e as graças necessárias que devem ser dadas ao soldado de Cristo para evangelizar (Cf. Ef 6,19-20).

5. Palavras significativas. Quais são as palavras que podem ser consideradas fundamentais para a interpretação deste texto bíblico? É necessário se ater às palavras que são fundamentais ao texto e que mostram para que entendimento o autor quer nos levar. Você deve escolher ou a partir de comentários, ver aquelas que são as mais importantes. Se tiver um programa bíblico que auxilie na interpretação da palavra no original, seria muito interessante. Não é obrigatório saber a língua bíblica, no caso a língua grega, pois tais programas ajudam na tradução. Mas o aprendizado das línguas bíblicas é extremamente desejável. Exemplos de programas bíblicos ou sites que nos ajudam:

- Bíblia The Word com Todos os Módulos em Português

<https://myswordbrasil.blogspot.com/2016/02/biblia-theword-com-modulos-pt.html>

- Logos Bible

<https://pt.verbum.com/10>

<https://aprendalogos.com/tutoriais/>

6. Exegese Canônica. “Precisamente a partir desta última observação desenvolveu-se, há cerca de trinta anos na América, o projeto da "exegese canônica", cuja intenção consiste em ler os textos individuais no conjunto da única Escritura, onde todos os textos particulares acedem a uma nova luz. A constituição do Concílio Vaticano II sobre a revelação já tinha evidenciado isto claramente no nº 12 como um princípio fundamental da exegese teológica: quem quiser entender a Escritura dentro do espírito no qual ela foi escrita terá de considerar o conteúdo e a unidade de toda a Escritura. O Concílio acrescenta que deveria aqui tomar-se também em consideração a tradição viva de toda a Igreja e a analogia da fé (as íntimas correspondências da fé). Fixemo-nos agora na unidade da Escritura”.³ Assim escreve o nosso amado Cardeal Ratzinger, o futuro Papa Bento XVI. Ele nos guia o modo como devemos interpretar um texto bíblico. Quando vemos referência

3 - RATZINGER, Joseph. Jesus de Nazaré: Primeira parte. Do Batismo no Jordão à Transfiguração. São Paulo: Planeta, 2007, p. 14-15.



nas margens ou nos comentários de outras passagens bíblicas num texto bíblico, é essa a exegese canônica, uma palavra não comum, para dizer que entendemos Bíblia, dentro da própria Bíblia. Por isso, quando colocarmos referências bíblicas na análise abaixo, é para entendermos o texto dentro de toda a Sagrada Escritura, obviamente respeitando os textos dentro de seus próprios contextos, sem forçar a interpretação.

7. Análise simbólica. O ser humano vive, convive e se exprime através de símbolos, que nos remetem, no nosso caso ao Mistério de Deus. Por isso, devemos estar atentos a símbolos importantes presentes no texto que analisamos. Um exemplo importante no nosso caso, são os instrumentos do soldado que entra numa guerra (capacete, couraça, calçado etc.), não uma guerra física, mas espiritual. Outros exemplos de símbolos que devem ser levados em conta são as artes da guerra e suas ações, como usar a espada, apagar dardos e as propriedades dos instrumentos da guerra.

8. Buscar comentários nas Bíblias e livros de comentários bíblicos, onde se encontrarão informações exegéticas, arqueológicas, geográficas, históricas, etimológicas e muitas outras. Alguns exemplos abaixo:

9. Exemplo de trabalho para exegese do texto de Ef 6,10-20, a partir da tradução da Bíblia Ave Maria.

Pressupostos:

1. Há um mundo espiritual que está por trás do mal na vida do ser humano (Gn 3; Gn 6,5)
2. A vida é um combate espiritual contra o mal, invisível (Cf. 2 Rs 6,8-23).
3. O mal é um mistério na vida dos seres humanos em sua fragilidade, isto é, carne e sangue, e muitas vezes não compreendemos o mal que fazemos (Cf. Rm 7,19).
4. Esse combate que nos é proposto somente pode ser vencido pela graça de Deus (Cf. Hb 12,1; Ef 2,8).
5. Essa imagem é usada também em outra passagem: “Nós, ao contrário, que somos do dia, sejamos sóbrios. Tomemos por couraça a fé e a caridade, e por capacete a esperança da salvação” (1 Ts 5,8).



Ef 6,10-20

Armadura do cristão

10 Finalmente, irmãos, fortalecei-vos no Senhor, pelo seu soberano poder.

11 Revesti-vos da armadura de Deus, para que possais **resistir** às ciladas do demônio.

12 Pois não é contra homens de carne e sangue que temos de lutar, mas contra os principados e potestades, contra os príncipes deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal (espalhadas) nos ares.

13 Tomai, portanto, a armadura de Deus, para que **possais resistir** nos dias maus e **manter-vos inabaláveis** no cumprimento do vosso dever.

14 **Ficai alerta**, à cintura cingidos com a verdade, o corpo vestido com a couraça da justiça,

15 e os pés calçados de prontidão para anunciar o Evangelho da paz.

Finalmente – Encerra a seção de exortação que iniciou-se em Ef 4,1. O fortalecimento em Deus para guerra.

1. A descrição da luta.

A vida do cristão é uma luta, não contra carne e sangue, isto é, humana (Cf. Mt 16,17), mas deve ver que por detrás das ações humanas há a atuação de principados e potestades, influências demoníacas. Como diz São Paulo: “Não são carnis as armas com que lutamos. São poderosas, em Deus, capazes de arrasar fortificações” (2 Cor 10,4).

ιστημι *histemi* – (os verbos que estão grifados) Ficar em pé, estabelecer, e em composição resistir, ficar firmes, alertas. Apesar das traduções serem diferentes, mostram a disposição que o soldado deve ter, ficar em pé, na posição de ressuscitado em Cristo Jesus para combater o mal.

2. Os instrumentos do cristão nessa luta

1. Cingir com a verdade - Usando a armadura de Deus o cristão entra na luta contra o mal. A verdade é o Jesus (Cf. Jo 14,6), o próprio Deus, o “Amém”, sobre o qual deve estar alicerçada a vida do cristão (Cf. 2 Cor 1,20). O verbo cingir (Cf. Lc 12,35) é o símbolo da pessoa que serve o outro, como Jesus na sua Paixão, cinge-se para lavar os pés (Cf. Jo 13,5) e nos diz para lavar os pés uns dos outros (Cf. Jo 13,14) não para aparecer (Cf. Mt 6,2), mas servir na verdade de Deus para que o outro tenha vida (Cf. Jo 10,10).

2. Couraça da Justiça - Toma-se o livro da Sabedoria: “Tomará por couraça a justiça, e por capacete a integridade no julgamento” (Sb 5,18) e também Is 59,17. A couraça cobria o peito e às vezes as costas, então é a justiça de Deus em nós que nos protege de todo mal. É o sentido de sermos justificados (Cf. Rm 3,24; 5,1; 5,9; 1 Cor 6,11; Gl



16. Sobretudo, abraça o escudo da fé, com que possais apagar todos os dardos inflamados do Maligno.

17 Tomai, enfim, o capacete da salvação e a espada do Espírito, isto é, a Palavra de Deus.

2,16-17; 3,24; Tt 3,7). Mortos para o pecado vivermos para justiça (Cf. 1 Pd 2,24).

3. Calçados com o Evangelho da paz.

A prontidão, também pode ser traduzida por preparação, estar preparados para anunciar o Evangelho da paz. Deve-se ter a frente o livro do Profeta Isaías: “Como são belos sobre as montanhas os pés do mensageiro que anuncia a felicidade, que traz as boas-novas e anuncia a libertação, que diz a Sião: “Teu Deus reina!” (Is 52,7). O anúncio do mensageiro é a libertação do Povo de Deus do Exílio da Babilônia. Esse anúncio, na Septuaginta é equivalente a anunciar boas novas, evangelizar. Somos enviados para evangelizar por Jesus (Cf. Mt 28,19-20; Mc 16,15). E anunciar o Evangelho da Paz, paz que é o Shalom, entre Deus e os seres humanos e estes entre si (Is 32,17; Ef 2,17; Rm 5,1; At 10,36).

4. O escudo da fé

O escudo era feito para proteger o soldado das flechas dos inimigos. Na guerra espiritual esse escudo é dado pela fé, a confiança e entrega plena a Deus (Cf. Hb 11,1). Essa fé é que fez com que nossos antepassados vencessem o mal (Cf. Hb 11,2ss). “Porque todo o que nasceu de Deus vence o mundo. E esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1 Jo 5,4). A fé proporciona a vitória nessa batalha contra o mal, que em João é caracterizado na nossa realidade pela figura do mundo.

5. O capacete da salvação

O capacete é feito para proteger a cabeça (Cf. Is 59,17). A cabeça é símbolo do próprio ser humano, com ela, o ser humano se relaciona e se apresenta aos outros. A proteção deve vir da salvação que somente Deus pode nos dar (Cf. Ef 2,8). “Nós, ao contrário, que somos do dia, sejamos sóbrios. Tomemos por couraça a fé e a



18 Intensificai as vossas invocações e súplicas. Orai em toda circunstância, pelo Espírito, no qual perseverai em intensa vigília de súplica por todos os cristãos. **19** E orai também por mim, para que me seja dado anunciar corajosamente o mistério do Evangelho, **20** do qual eu sou embaixador, prisioneiro. E que eu saiba apregoá-lo publicamente, e com desassombro, como é meu dever!

caridade, e por capacete a esperança da salvação” (1 Ts 5,8).

6. A espada da Palavra de Deus

O texto principal que deve pontual essa passagem é Hb 4,12: “Porque a Palavra de Deus é viva, eficaz, mais penetrante do que uma espada de dois gumes e atinge até a divisão da alma e do corpo, das juntas e medulas, e discerne os pensamentos e intenções do coração”. A Palavra de Deus é a verdade, fomos criados a partir da Palavra (Cf. Gn 1), e essa Palavra é que revela quem somos, qual é o sentido da nossa vida, vai até o centro da nossa existência e revela o que temos no coração (Cf. Dt 8,2). O Espírito revela toda a verdade da Palavra e nos ensinará tudo (Cf. Jo 14,17; 14,26; 15,26; 16,13). O poder da espada com o símbolo da espada em outras passagens da Escritura: Sb 18,15-16; Is 49,2; Os 6,5; Ap 1,16; 2,12; 19,15).

3. A perseverança na oração

A disposição do soldado de Cristo na luta contra o mal não é uma luta física, mas uma luta espiritual. Por isso, o ser soldado é caracterizado na perseverança da oração para corajosamente anunciar o Evangelho, como São Paulo, que pode levar até a perseguição e a prisão.

6,21-24 – Conclusão

A saudação final segue o modelo paulino (Cf. Fp 4,10-23; Cl 4,7-18; 2 Cor 13,11-13). Nela se menciona Tíquico, delegado para as Igrejas da Ásia que acompanha São Paulo na sua viagem para Jerusalém: “Acompanharam-no Sópatro de Bereia, filho de Pirro, e os tessalonicenses Aristarco e Segundo, Gaio de Derbe, Timóteo, Tíquico e Trófimo, da Ásia” (At 20,4). É ligado à Igreja de Éfeso: “Tíquico enviei-o para Éfeso” (2 Tm 4,12). A Carta aos Colossenses é um paralelo claro: “Quanto ao que me concerne, o caríssimo irmão Tíquico, ministro fiel e companheiro no Senhor,



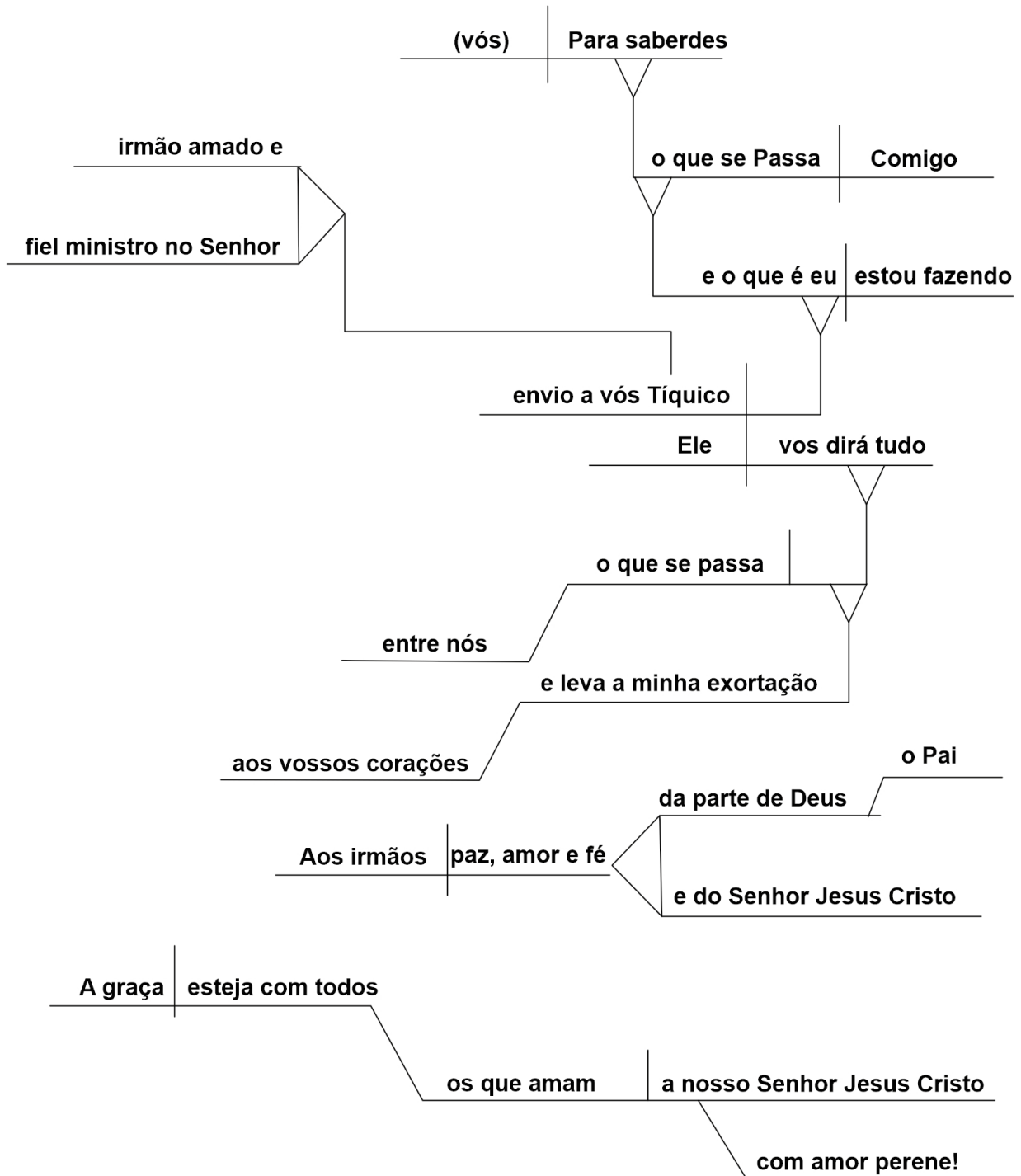
vos informará de tudo. Eu vô-lo envio para este fim, para que conheçais nossa situação e console os vossos corações” (Cl 4,7-8).

A exemplo de outras cartas, Efésios termina com uma fórmula de bênção. Primeiramente deseja-se a paz, ligada ao amor e a fé, que brota de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo. Por exemplo, conforme consta em outras cartas: “a vós, graça e paz da parte de Deus, nosso Pai, e da parte do Senhor Jesus Cristo” (Gl 1,3) ou “a vós, graça e paz da parte de Deus, nosso Pai, e da parte do Senhor Jesus Cristo!” (1 Cor 1,3). A diferença é que no final da Carta aos Efésios se deseja primeiramente a paz e depois a fórmula desejando a graça. Outra particularidade é o amor perene, ou a imortalidade. Assim se encerra a Carta aos Efésios.

Abaixo, somente para ilustrar e como exemplo de análise bíblica, traçamos um diagrama de sentença aplicável a este trecho bíblico. Pode ser aplicado a outras passagens para ajudar o entendimento de um texto bíblico.



Diagrama de sentença Ef. 6,21-24 – Conclusão





Bibliografia Básica

BÍBLIA AVE MARIA. São Paulo: Ave-Maria, 2016.

BÍBLIA CATÓLICA <<https://www.bibliacatolica.com.br/>>

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA DO PEREGRINO. São Paulo: Paulus, 2006.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BRUCE, F. F. (editor geral). *Comentário Bíblico NVI*. São Paulo: Vida, 2009.

Efésios. Bíblia Sagrada: Difusora Bíblica. Acessível em:

<http://www.paroquias.org/biblia/index.php?m=10&n=5>

FABRIS, Rinaldo. *As Cartas de Paulo*. v. 3. São Paulo: Loyola, 1992 (Bíblica Loyola 6).

HARRINGTON, Wilfrid J. *Chave para a Bíblia*. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

LASOR, William Sanford. *Gramática Sintática do Grego do Novo Testamento*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1998.

McKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1984.

MORAES, Pe. Micael. *Os números na Bíblia*. São Paulo: Palavra e Prece, 2012.

PEDROLI, Luca. La teoria del ninfagogo e il caso emblematico di Ef 5,25-27". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q3o17ggs8k4&list=PLVRuDjwVc6M1uymIM9IIdPTst5oCtQsH&index=8>. Acesso em 29.01.2021.

TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA. São Paulo: Loyola, 1994.

VV.AA. *Vademecum para o estudo da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2000.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Paulus, 1998.



RCCBRASIL